

ME ENGANA QUE EU GOSTO

Podcast Bobagens Imperdíveis

Transcrição do episódio

Parece que vivemos a era dos golpes. Golpistas por todo lado. Tem o fator desespero. A economia uma bosta, falta de oportunidades, as pessoas passando dificuldades. Muita gente aposta no golpe para tirar dinheiro fácil. É golpe de PIX, de Whatsapp, mudei meu número, tô precisando de uma grana emprestada, pode transferir pra mim? Golpe da maquininha, você acha que tá passando um valor e quando vê tiram milhares de reais da sua conta.

Esses dias o CSI Twitter descobriu que um projeto de distribuição de marmitas para moradores de rua era uma farsa. E das mais elaboradas: tinha fotos e vídeos da suposta distribuição, mas as fotos eram montadas para duplicar as marmitas e parecer que eram muitas. O projeto viralizava na base de posts que mexiam com a indignação das pessoas: supostos doadores de carne estragada, homens supostamente assediando as donas do projeto, até um relato de suposto estupro. E assim o projeto se espalhava e arrecadava mais doações. Mas não tinha nenhum indício, nenhuma prova de que os moradores de rua de fato estavam recebendo as refeições. Houve até a suspeita que uma das sócias sequer existia. Era só a mesma garota usando um filtro de instagram para aparecer com o rosto diferente.

A internet é um prato cheio de recursos e ferramentas para criar as ilusões mais elaboradas para mexer com o sentimento das pessoas e torná-las presas fáceis. Há quem apele para esse desespero, essa realidade de pessoas precisando de ajuda, para mover a sensibilidade, a solidariedade, ou até a indignação das pessoas para tirar dinheiro delas. Muitas vezes, vão usar da distração, da ingenuidade ou da carência emocional das pessoas para enriquecer às custas delas.

Tem também quem use da trapaça para construir uma relevância, um status, todo baseado em mentira. Como influenciadores por aí que vivem de copiar e colar conteúdo dos outros e ainda assim ganham milhares de seguidores, contratos com grandes anunciantes. Ou gente que compra seguidores fakes para dar aquela bombada nos números de um dia para o outro para parecer mais importante do que realmente é, sabe?

Até gente que finge que participa de podcast já tem! Sim, tem quem poste cortes no instagram falando de frente para o microfone, com seus grandes insights durante a gravação de uma entrevista... que nunca existiu. Eles na verdade estão falando sozinhos, atuando. Parece que tem até estúdios que já oferecem esse serviço de "grave seu podcast fake".

Tem toda uma indústria ao redor desse mercado de enganar trouxa. Um mercado que lucra "licitamente" a partir de gente que lucra enganando os outros.

Quantos documentários já não saíram nos últimos tempos mostrando casos de golpistas? Documentários sucesso de audiência, que todo mundo quer ver porque olha que absurdo esse cara que enganou uma porção de mulheres no Tinder, ganhou milhões de dólares, saiu impune e hoje é famoso nas redes sociais!!!

Não é de hoje o interesse por histórias de trapaceiros. Resolvi então entrar nessa onda e falar de enganação, não é o que dá audiência?

Mas, em vez de falar desses embusteiros da vida real, vou aqui puxar a capivara de grandes trapaceiros da ficção para tentar responder algumas perguntas:

O que afinal tanto se busca nessas histórias de enganadores e gente sendo enganada? Será que tem um prazer envolvido aí? Ou essas histórias nos ensinam algo? Qual a diferença entre histórias de trapaceiros reais... e inventados?

Eu sou Aline Valek e você está ouvindo Bobagens Imperdíveis!

- - -

Conta a história que o capataz do coronel, um desses homens truculentos, de arma na cintura, que nunca admite estar errado, um dia foi caçar jacu no mato, mas acabou errando a mira e atirou no cabrito de um lavrador da região. Não quis pagar o prejuízo e ainda humilhou o homem, xingou de corno pra baixo.

Teve um caipira que ficou sabendo da injustiça e resolveu que ia dar o troco. Naquele espírito: mexeu com um mexeu com todos! Foi se encher de repolho, ovo cozido, doce de leite, feijoada, tomou dois cafézinhos e tomou o rumo da estrada. Ia pelo caminho quando bateu aquela dor de barriga fulminante. Agachou ali mesmo e soltou o barro. Fez uma montanha de cocô que cobriu na hora com o chapéu.

Esperou, segurando o chapéu de palha muito concentrado. Então ouviu o som do cavalo. Lá vinha o capataz do coronel, que ficou intrigado com aquela cena no meio da estrada. Ô caipira, o que você tá fazendo aí com esse chapéu? E ele, todo manso, assustado até, respondeu: "nada não, senhor". O capataz não acreditou, estava muito esquisito aquilo. Insistiu, ameaçou que ia encher ele de porrada se não contasse.

Como que pressionado, o caipira resolveu contar. Disse que tinha conseguido capturar um pássaro raro, que era muito valioso. Estavam dando por ele um milhão de réis lá na cidade, mas ele não podia arriscar perdê-lo, precisava arranjar uma gaiola para levar o pássaro e recolher a recompensa.

O capataz cresceu o olho quando ouviu falar do milhão, e pensou "vou passar a perna nesse matuto, vou ficar com esse dinheiro". Se achava mais esperto. Então propôs tomar conta do pássaro enquanto o caipira buscava a gaiola. O caipira agradeceu a ajuda, mas explicou que é uma gaiola especial, que não tinha dinheiro para comprar. "Pois quanto custa essa gaiola?" O caipira fez que calculava com a cabeça e então deu o valor mais ou menos de um cabrito. Não era muito. Pensando no valor de um milhão, que o capataz já tomava como certo, compensava para tirar aquele trouxa da jogada. Ele abriu a carteira e deu o dinheiro para o caipira. "Vai, vai buscar essa gaiola".

O capataz agachou para segurar o chapéu e o caipira disse para ele não levantar aquele chapéu de jeito maneira ou o pássaro, que era pequeno e muito ligeiro, perigava escapar. O caipira meteu o dinheiro no bolso, subiu no cavalo e pegou a estrada para buscar a tal gaiola. Quando o caipira sumiu no horizonte... o esperto do capataz se preparou para dar seu golpe. Bastava agarrar o pássaro bem firme em um gesto rápido. Levantou o chapéu bem devagar com uma mão, e com a outra ZÁS, meteu debaixo do chapéu. E aí, você ouvinte, já deve imaginar que o capataz agarrou algo muito mais CREMOSO do que um passarinho.

Quis tirar vantagem do outro... acabou com a mão toda lambuzada de bosta.

O caipira dessa história não é qualquer um não. É Pedro Malasartes, um dos personagens mais icônicos do folclore brasileiro. Mesmo eu não tendo citado o nome, talvez tenha ficado fácil imaginar que era ele o tempo inteiro. Um caipira com muita lábia e criatividade para enganar os outros, quem mais podia ser?

Eu cresci ouvindo causos do Malasartes, meu pai inclusive adorava contar essa história do pássaro raro. E como não amar ouvir? Tem todo um apelo uma história que envolve fezes humanas, claro, mas o que me pega muito nesse conto do pássaro é ser a história de um espertalhão sendo enganado por um trapaceiro ainda mais malandro do que ele. Malasartes se faz de besta e então inverte o golpe. Mete um golpe dentro do golpe. Tipo um metagolpe.

Nem sempre o enganado é um capataz que cometeu uma injustiça, tá? Em algumas versões da história, é só um cara qualquer fisgado pela ganância de faturar uma grana fácil. Como todas histórias transmitidas oralmente, essa também se modificou pelo caminho, ganhando versões diferentes, embora os elementos principais continuem lá.

Essa versão que contei é mais próxima da versão do Pedro Bandeira, no livro "Malasaventuras: Safadezas do Malasartes". O que gostei nela é que o espertalhão que acaba sendo enganado ganha uma backstory que reforça que ele é um arrombado que merece a lição.

Malasartes representa então o oprimido, o pobre coitado, que para vencer os poderosos usa da sua lábria, da sua engenhosidade para nos fazer rir às custas da ganância de quem cai nas ciladas dele. Um anti-herói, digamos assim.

Pedro Malasartes parece o puro suco da cultura brasileira, mas é muito mais antigo do que a invenção do Brasil. O personagem nasceu na Espanha medieval, em histórias populares onde era conhecido como Pedro Urdemales.

Urdemales que pode ser traduzido como "tramas do mal". Pedro Tramas Malignas, algo assim. Malasartes, a versão portuguesa do nome, vem do mesmo significado. Más artes. Artes do mal.

O personagem apareceu pela primeira vez na literatura em um livro escrito em 1440, "Libro del Paso Honroso", atribuído ao nobre cavaleiro Suero de Quiñones. Na história, Urdemales aparece no meio do caminho de Santiago para enganar os peregrinos com seus papinhos.

Foi Miguel de Cervantes, autor de Dom Quixote, que depois trouxe Pedro Urdemales como protagonista, numa comédia escrita em versos publicada em 1615. A partir daí o personagem se espalhou ainda mais, aparecendo em livros, peças de teatro, e até exportado para a cultura oral de países latinoamericanos*. Os argentinos e chilenos, por exemplo, conhecem bem essas histórias.

Nós brasileiros herdamos Malasartes da cultura portuguesa. Aqui, ele se enraizou no imaginário como esse caipira esperto, de fala mansa, que ninguém dá nada por ele, mas é muito engenhoso, bom de lábria, e que sabe usar essa sua fachada de bobão, de ignorante, para tirar vantagem de quem quer ganhar dinheiro fácil.

Quem ajudou a fixar essa imagem do caipira esperto foi o humorista e cineasta Mazzaropi, que em 1960 lançou o filme "As aventuras de Pedro Malasartes".

[Trecho da música "Meu Defeito", Mazzaropi]

Se a gente for investigar bem, vai achar uma porção de personagens que lembram muito o Malasartes na literatura brasileira.

Por exemplo, essa esperteza e até esse jeito meio Seu Madruga de não gostar de trabalhar e de arrumar formas "criativas" de ganhar dinheiro, podemos ver também no Macunaíma, o herói sem caráter do Mário de Andrade. Eita, mas eu falei um monte de Mário de Andrade essa temporada, hein?

Tem também o Chicó e João Grilo, do Ariano Suassuna! Dois pobres coitados que precisam aplicar golpes para sobreviver. Gostam de inventar as histórias mais absurdas, tentam vender objetos milagrosos e aplicam golpe até no próprio Diabo.

É próprio de golpistas aparecerem em vários lugares com aparências diferentes, vários disfarces, outras roupagens, outros nomes. Mas no caso, isso vai além. Porque Malasartes é mais do que um personagem, é parte de um arquétipo. Um tipo de personagens que habita o imaginário humano em diferentes culturas.

Malasartes é uma das manifestações do arquétipo conhecido como Trickster, ou Trapaceiro. Trick, em inglês, quer dizer truque. A palavra também pode ter vindo do francês antigo, de "triche", de "tricherie", que significa exatamente isso: trapaça, mentira, engano, engodo, embuste, trambique.

Cada cultura vai ter a sua versão do Trickster. Cada um desses trapaceiros mitológicos tem a sua própria ficha corrida de golpes. Vamos colocar aqui alguns lado a lado para observar o que eles têm em comum.

[Trecho do filme "As aventuras de Pedro Malasartes": juiz fala "Que entre o acusado". O promotor diz: "Vamos julgar um vigarista de marca maior". Malasartes retruca: "Quem que é vigarista?" E o promotor: "Este, é o réu. Você é o réu." Malasartes responde: "Reo é marca de caminhão"]

Um dos Tricksters mais conhecidos é Loki, o deus da trapaça da mitologia nórdica. É um deus, mas não sobreviveu nenhum indício que ele tenha tido devotos, ou templos dedicados a ele. Sua reputação não é das melhores. Ele é muito charmoso, muito irreverente, mas cuidado, é um grande mentiroso a serviço da trollagem. Seu principal poder é mudar de forma, de aparência. Já se transformou em mulher, em falcão, em pernilongo, em salmão, em égua, em Tom Hiddleston!

É um personagem de natureza dúbia. Não é bom, nem mau. Ele pode ajudar os deuses, ou atrapalhá-los. Depende do que é mais conveniente pra ele no momento. Ou do que é mais divertido para a história. Mas não se engane, que de inocente ele não tem nada. Suas trapaças já foram responsáveis pela morte de um deus, filho de Odin e Freya.

Diz a lenda que Baldur foi agraciado com a invulnerabilidade, porque sua mãe entrou em acordo com todos os elementos da natureza, cada fera, cada lâmina, cada veneno, cada magia, cada micróbio, cada quina de mesa potencialmente fatal, para que jamais fossem capazes de machucar seu filho. E Baldur tirava a maior onda disso, deixava que os outros deuses testassem qualquer arma contra ele, que batia nele e voltava. Loki pegou um ranço disso. Resolveu que ia dar um jeito de encontrar um ponto fraco e provar que Baldur não era tão poderoso assim.

Então se disfarçou de velha e foi lá conversar com Freya. Se fazendo de impressionada, perguntou: "ah, mas será mesmo que todas as criaturas prometeram não matar Baldur?". Freya garantiu que sim. E disse que pensando bem, só não falou com o visco. Mas que

mal uma erva podia fazer a um deus? Então estava sussa. Loki ouvindo aquilo, foi correndo buscar um ramo de visco, que transformou numa flecha.

Ele voltou e persuadiu o irmão cego de Baldur a fazer parte dessa grande festa que era testar a invulnerabilidade de Baldur. Os deuses achavam isso muito divertido por algum motivo. Então Loki deu um arco para o irmão do Baldur e o ajudou a achar a mira. Sem saber a procedência daquela arma, o irmão atira e a flecha de visco consegue penetrar o coração do deus e assim Baldur morre.

Daí a confusão tá armada. É um tal de mandar herói descer o submundo pra tentar negociar com a Deusa da Morte a ressuscitar o póbi do Baldur. Mas Loki atrapalha até nisso, só pela diversão. Os deuses ficam muito putos e tentam prender o Loki, porque isso passou de todos os limites. Ele não é só um enganador, é um sujeito perigoso. O que Loki faz? Se disfarça de salmão para fugir rio acima.

Eis que Thor consegue capturar o Loki sabor salmão e o leva para a sua punição: ser acorrentado no fundo de uma caverna e ter uma serpente venenosa pingando veneno na cabeça dele... por toda a eternidade. É... os crimes de Loki não passaram impunes não!

Mas uma coisa curiosa a se observar nesse personagem: qual é a origem do seu nome? O que significa Loki? Depois de muita pesquisa, estudiosos de mitologia chegaram à conclusão que Loki sempre aparecia em contextos com fios, tramas, correntes. E que a palavra Loki em línguas escandinavas significava "nó".

O pesquisador e professor Eldar Heide escreveu o seguinte em um artigo de 2011:

Há muitas evidências de que Loki, em sociedades pré-modernas, era considerado o causador de nós, emaranhados ou laços, ou ele mesmo um laço, um nó, ou um emaranhado. Portanto, é natural que Loki fosse considerado o inventor da rede de pesca, que consiste em amarrações e nós, e que a palavra Loki, em suas diferentes grafias, seja um termo para designar fabricantes de teias: aranhas e afins.

Esse significado ressoa com o nosso Trickster Malasartes, que vem de Urdemalas, das Tramas Malignas, lembra? Trama, emaranhado, teia são simbologias que remetem à mentira como essas redes que prendem, que capturam os enganados como armadilhas. E também remetem ao nosso próximo Trickster que é, literalmente, uma aranha.

Anansi é o deus aranha do folclore do povo Akan, etnia do oeste africano, que vive principalmente em Gana e Costa do Marfim. Nas histórias desse povo, Anansi é o deus da sabedoria, da criação e das histórias. O tráfico de pessoas escravizadas arrastou boa parte do povo africano para as Américas. Muitos Akan foram parar

nas ilhas caribenhas, e suas histórias foram junto. Assim Anansi também ficou enraizado no folclore jamaicano.

Pamela Colman Smith, a ilustradora do tarô mais famoso do mundo, viveu a infância na Jamaica, onde cresceu ouvindo as histórias de Anansi. Isso marcou tanto o imaginário dela que Pamela chegou a escrever e ilustrar um livro de contos sobre as trapaças dessa entidade, chamado "Annancy Stories". Eu contei um pouco mais sobre isso no episódio 2.5: "O Tarô de Pamela". Depois dá um pulo lá e escuta.

E o que dá para perceber nesse conjunto de contos é que Anansi é considerado o deus das histórias justamente por sua habilidade em enrolar os outros. Embora seja uma divindade, ele está muito mais próximo de Malasartes ou de João Grilo do que de Loki. Boa parte dos seus golpes e ciladas são para conseguir comida. A fome é uma presença constante nessas histórias. Assim como o Tigre, que é o alvo mais frequente das armações de Anansi.

O tigre é muito maior, mais forte e mais poderoso do que a aranha, mas também ganancioso e meio burro. Anansi aproveita isso para não virar comida ou para tirar vantagem do predador. Com sua lábia ele subverte a lei do mais forte e mostra que a esperteza pode ser a arma do menor e do mais fraco.

Anansi engana até a morte! Tem a história que conta que Anansi, esfomeado, tentava achar o que comer entre os arbustos, até chegar a um vilarejo, onde encontrou um velho muito pálido, quase esquelético, sentado na porta de uma casa. Ele cumprimenta e pergunta ao velho se ele pode dar algo de comer a ele. O velho não fala nada, fica lá parado, e Anansi finge que entendeu: "ah, você quer que eu entre e me sirva? Muito generoso da sua parte!" e assim ele entra na casa, enche a pança e vai embora. Ele volta no dia seguinte e faz a mesma coisa. O velho continua sem dizer nada. No terceiro dia, Anansi traz a filha e entrega como noiva para o velho, na verdade para ficar na casa e cozinhar para quando Anansi voltar no dia seguinte ter ainda menos esforço para filar a bóia.

O problema é que quando ele volta, cadê a filha? Então o velho finalmente abre a boca e revela que ele é a morte e que devorou a filha de Anansi. "Agora é sua vez", a Morte ameaça, e Anansi sai correndo em disparada de volta para casa, a Morte correndo atrás dele, e ele grita para a mulher pegar os filhos e subir para o teto. Como uma boa aranha ele escala a parede e fica pendurado de cabeça pra baixo no teto, onde a Morte não consegue alcançá-lo. Mas os filhos dele e a mulher de Anansi não conseguem se segurar por muito tempo, e vão caindo um por um. A Morte vai pegando cada um deles e guardando dentro de um saco.

E a Morte esperou e esperou mas Anansi não caía. "Não vai descer não, ô desgraça?" E Anansi, já visualizando uma saída, gritou: "Eu não posso me soltar! Eu comi tanto que se eu cair, vou me

espatifar no chão e explodir, você não vai nem conseguir me colocar no saco! Mas se você buscar o barril de farinha lá na cozinha e colocar embaixo de mim, eu posso me soltar e não vou explodir no chão!"

A Morte obedece, coloca o barril de farinha debaixo de Anansi e, quando ele se solta, voa tanta farinha no olho da Morte que ela fica atordoada e Anansi assim, consegue escapar da morte.

Essa história foi sendo passada de geração em geração e foi contada e ouvida por famílias que foram forçadas a saírem de suas terras e a enfrentar os horrores da escravidão. Essas histórias representavam um alívio não só por seu teor cômico, mas porque Anansi ensinava a resistir e encontrar saídas, ainda que a morte levasse as pessoas amadas.

- - -

As histórias de Tricksters mostram que nem tudo é totalmente bom, nem totalmente ruim. Que mesmo a mentira e o engodo podem aparecer com outras roupagens. Podem representar a resistência contra uma força opressora, ou mesmo a criatividade, a imaginação.

A função do Trickster nas histórias geralmente é a de ser um agente do caos. De expor e desorganizar as ideias dominantes, o status quo. O Trickster subverte a ordem, até a lógica. E com isso mostra que a realidade pode ser maleável.

Em várias culturas indígenas norte-americanas, como a dos Winnebago, dos Navajo ou dos Cahuilla, o Trickster aparece nas histórias na figura do Coyote. Que carrega muitas características dos outros personagens que já ouvimos até aqui, como a astúcia e esse fogo no rabo pra perturbar a paz dos outros.

Em algumas versões, ele tem o poder de mudar de forma. Em outras, ele é um ser perigoso, em outras, ajuda as pessoas com seus truques. E ele é assim variado, porque seus narradores eram variados. As características do Trickster dependem de quem conta.

Mas o Coyote é um Trickster com uma centralidade, uma importância maior dentro da mitologia indígena norte-americana. Tem histórias em que graças às artimanhas do Coyote, as pessoas conseguem descobrir o fogo. Em outras histórias, o Coyote é um dos primeiros seres a existir e é responsável pela criação do mundo, dos animais e do próprio ser humano. Deixaram essa tarefa na mão de um trapaceiro, olha aí no que deu.

A escritora Rebeca Solnit escreveu um artigo maravilhoso sobre o Coyote. Vou ler aqui um trecho, tradução minha mesmo, mas deixei o link para o texto completo na descrição do episódio.

Travesso, lascivo e desastrado, O Coyote e seus primos, os imprevisíveis criadores do mundo nas histórias dos nativos

americanos, me trouxeram a visão desse reino como algo nunca perfeito, criado por meio da colaboração e da disputa.

Onde eu moro, na área da baía de São Francisco, o povo Ohlone diz que Coyote foi o primeiro ser, e que o mundo foi criado por ele, por Águia e por Beija-flor, que ri das tentativas de Coyote de engravidar sua esposa. (Coyote nem sempre foi tão ingênuo. Em contos dos Winnebago, da região dos Grandes Lagos, ele envia seu pinto destacável em longas e furtivas missões na busca por penetração, como se fosse um tipo de drone do mundo dos sonhos).

Como o poeta californiano Gary Snyder certa vez disse, "Velho Doutor Coiote não está disposto a fazer distinção entre o bem e o mal". Em vez disso, ele está cheio de uma exuberância contagiante e de uma grande força criativa.

Essas histórias flexíveis, desarmadas pela improvisação, me lembram jazz. O criador no Antigo Testamento, no entanto, é um compositor de música clássica cuja partitura só pode ser executada de uma única maneira correta. O anjo com a espada flamejante nos expulsou do Éden porque conversamos com cobras e fizemos escolhas ruins em relação a frutas. Tudo o que se seguiu foi sofrimento e maldição. A Redenção era necessária, só porque a perfeição era o padrão pelo qual tudo seria medido e contra o qual tudo seria insuficiente.

Por tudo isso, dá para entender por que o interesse em histórias de Tricksters sobrevivem.

Eles quebram as regras, mas são carismáticos, divertidos. E tem um prazer em ver a ordem sendo subvertida, porque é o inesperado. O improvável faz cosquinhas no cérebro.

Outra hipótese é que talvez as pessoas gostem tanto dessas histórias sobre golpes e trapagens para sentirem que são mais espertas que as vítimas. Sentir que nunca seriam feitas de trouxa desse jeito. Naquela posição de julgamento do ouvinte da fofoca, como eu falei no primeiro episódio dessa temporada, lembra?

Ou para sentirem que aprenderam algo com essas histórias. Ou formas de se proteger e se tornar mais desconfiadas, ou para ter um repertório de formas de enganar os outros. Não duvido que tenha um bocado disso, dentro dessa lógica em que todo mundo quer ser mais esperto que o outro.

Também tenho a hipótese de que essas histórias, sejam reais ou inventadas, são tão atraentes porque tem um apelo a gente acompanhar uma pessoa que é confiante. Porque é preciso muito confiança em si e na sua mentira para enganar os outros. É preciso confiança para subverter a ordem, flertar com o crime. Seria mais essa confiança que atrai os ouvintes, os espectadores, mais do que o próprio golpe em si.

Mas acho que tem uma enorme diferença entre os vigaristas reais e os inventados.

A diferença é que nas mitologias e histórias, os Tricksters conseguem nos divertir e nos mostrar o poder dessa flexibilidade, dessa criatividade, enganando pessoas que não existem, que são personagens. E, na maioria das vezes, personagens que representam o mais forte, o ganancioso, o opressor, ou mesmo as representações do que mais nos apavora na vida, como a morte e a fome.

Já ao consumir histórias de trapaceiros da vida real como entretenimento, a coisa muda de figura. Podemos até aprender alguma lição, mas às custas do sofrimento real de vítimas que realmente existiram, que muitas vezes são o lado mais vulnerável da situação.

Melhor tipo de golpe continua sendo a ficção. A ficção faz você acreditar no chapéu e na bosta embaixo dele. Pra ver alguém se dando mal na história, você precisa antes ser enganado. Olha a beleza disso em um mundo onde todo mundo quer ser mais esperto que o outro. Não adianta ser o espertalhão. A ficção vem e te faz de trouxa todas as vezes – e ainda faz você gostar disso.

- - -

Para se aprofundar nesse tema, recomendo você ouvir o episódio 1.14: "Mentirosos Honestos", em que eu falo mais dos mecanismos da mentira na linguagem. Por que a gente mente? E por que a gente acredita? Já põe aí na sequência.

Obrigada por ouvir até aqui! Bobagens Imperdíveis é um podcast 100% independente produzido por uma vasta equipe de uma mulher só. Você pode dar uma força para o meu trabalho com um apoio de qualquer valor, pelo tempo que você puder. Para saber como, só ir em apoia.se/alinevalek, o link está na descrição do episódio, junto com as principais fontes das histórias que contei hoje.

Um beijo, e a gente se vê no próximo – e último – episódio. Não vai perder, hein?

E lembre-se: jamais, em hipótese alguma, confie no narrador.